



SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO

Nº 109, DE 2017

Requerem, nos termos do Art. 218, inciso VII, do Regimento Interno do Senado Federal, voto de pesar pelo falecimento de WILDY VIANA DAS NEVES.

AUTORIA: Senador Paulo Paim, Senadora Ângela Portela, Senador Humberto Costa, Senador José Pimentel, Senadora Vanessa Grazziotin



[Página da matéria](#)



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador PAULO PAIM

SF/17566.42456-96

REQUERIMENTO N° , DE 2017

Nos termos do Art. 218, inciso VII, do Regimento Interno do Senado Federal, REQUEREMOS voto de pesar pelo falecimento de WILDY VIANA DAS NEVES, ocorrido ontem, dia 13 de março, vítima de várias complicações, entre elas a respiratória, prestes a completar 88 anos de idade.

Ex-deputado federal Wildy Viana das Neves ex-Deputado e Prefeito de Rio Branco, pai do Senador Jorge Viana e do Governador do Acre, Tião Viana.

Nascido em 1929, num seringal às margens do rio Acre, conhecido como Paraguaçu Wildy Viana, batizado no local como “Dico”, era filho do pequeno comerciante e funcionário público Virgílio Viana das Neves e da dona de casa Sebastiana Lopes Viana. Ficou órfão ainda cedo, ao lado de cinco irmãos. Contava que o fato de ter nascido numa região tão inóspita na época, assim como alguns de seus irmãos, deu-se porque seu pai, que vivia se insubordinando contra os poderosos de então, vivia sendo transferido para tais locais, como punição.

“Seu Wildy”, como era conhecido, deixou um legado na história e na política do Estado, o que ele também não escondia de ninguém. Afinal, não seria motivo de orgulho para um rapaz interiorano do Alto Acre ter inscrito seu nome na história política local como um dos autonomistas que ajudaram elevar o Acre da condição de território a Estado? O feito da



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador PAULO PAIM

elevação do Acre a Estado é politicamente gigantesco se analisado à luz das condições da época, 1962, e algo que só foi conseguido graças à teimosia do mineiro de Perdigão José Guiomard dos Santos, de quem Wildy Viana fora aliado desde que o velho general chegou ao Acre para governá-lo ainda na condição de território, por volta do ano de 1945. Foi um projeto de autoria do já deputado federal Guiomard Santos, apresentado em 1955, que elevou o Acre à condição de Estado, sete anos depois, mesmo com a oposição dos velhos caciques do PTB, herdeiros de Getúlio Vargas e que estavam no poder através do presidente João Goulart. O decreto dando autonomia ao Estado do Acre foi assinado a 15 de julho de 1962, por Goulart e o então primeiro-ministro Tancredo Neves, no curto período em que o Brasil viveu a experiência da divisão entre a República e o parlamentarismo.

Radiotelegrafista de profissão, era popular, afável e brincalhão – embora sério na hora em que era necessária alguma sisudez sob um vasto bigode preto, Wildy ou simplesmente o “Dico” está para a política como o peixe está para o mar. Naquele ambiente em que agia – ou nadava – com tranquilidade, logo encontra espaço para voos – ou nadados – mais longos. Vislumbra sua eleição além de vereador. É eleito em 1963, na primeira eleição direta vivenciada na Capital, mas quer ir mais longe. O prefeito eleito é Aníbal Miranda, do PTB. Wildy Viana se prepara para ser eleito à presidência da Câmara Municipal de Rio Branco, mas, em 1964, vai ser pego de surpresa, como de resto todo o brasileiro, pela ditadura militar. Pelo chamado Ato Institucional Número 2, os militares levam o país ao bipartidarismo. Isso significa que a UDN de Dico Viana, o PSD de Guiomard e o PTB dos oposicionistas recém-varridos da política com a derrubada do

SF/17566.42456-96
| | | | |



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador PAULO PAIM

presidente João Goulart, teriam que escolher entre dois partidos apenas, a Arena (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

Em janeiro de 1966, já eleito presidente da Câmara, é compelido a assumir a prefeitura de Rio de Branco face à cassação de Aníbal Miranda, que, como todos sabem, era PTB e como tal caíra em desgraça junto ao governo dos militares. Wildy Viana vai ser prefeito de Rio Branco até julho de 1966, quando se licencia do cargo para ser candidato – e eleito – à Assembleia Legislativa. Se reelege em 1970 e 1974, período em que também foi presidente da Assembleia Legislativa. Em 1974, resolve alçar outros voos – ou nados – e disputa a Câmara Federal, sendo um dos oito deputados do Acre no Congresso Nacional.

Em 1984, em meio ao movimento pelas eleições diretas para a presidência da República, já recebendo influência dos filhos, envolvidos com movimento estudantil tanto em Brasília, Wildy Viana se insubordina com o partido dos generais e vota a favor da emenda do deputado federal do PMDB do Mato Grosso do Sul, Dante de Oliveira. Derrotada a emenda do jovem deputado que queria eleições diretas para presidente, no ano seguinte, Wildy Viana, por imposição do Partido, que havia fechado questão sobre o tema, acaba votando em Paulo Maluf no Colégio Eleitoral que elegeria Tancredo Neves e José Sarney, mas sua relação jamais seria a mesma com o partido dos generais e ele encerra sua carreira política filiado ao PMDB, depois de ter trabalhado, como secretário de Agricultura do Governo Flaviano Melo, quando iniciou um forte trabalho na área da piscicultura.

SF/17566.42456-96



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador PAULO PAIM

Recolhido a sua casa modesta no bairro da Habitasa, Wildy Viana se esquivava de contar essas histórias e dizia, sempre rindo, que coisas da política, agora, não era mais com ele. Se dizia satisfeito com o sucesso dos filhos na política e se resumia à condição de conselheiro, segundo revelou ontem o senador Jorge Viana.

Solicitamos que o presente voto, extensivo a seus familiares, seja enviado para o Gabinete do Senador Jorge Viana, no Senado Federal, Anexo II Bloco B Ala Ruy Carneiro Gabinete 01.

Sala das Sessões,

Senador PAULO PAIM

SF/17566.42456-96